

BARRANCOS, ENCINASOLA, UM TERRITÓRIO DE FRONTEIRA

Miguel Luís Vieira Rego

1. A noção escolástica de fronteira aparece quase sempre associada a um espaço desértico e não habitado. De conflitos e guerrilhas entre os habitantes de um e outro lado do moroiço ou do marco divisório de um espaço dito distinto. Espécie de nada partilhado como *limes* de um território.

Na extremidade de uma parcela político-administrativa o traço da fronteira funciona, assim, como tampão, como um signo e um slogan: esta é a minha pátria! Esta é a minha nação! Signos e conceitos desvirtuados? Anacrónicos? Talvez não. Olhemos para a Europa à nossa volta...

Neste espaço de fronteira definido pelo território de duas povoações vizinhas e sózinhas, relativamente aos seus nacionais vizinhos, Barrancos e Encinasola, parecem querer determinar que algo seja distinto.

Quantas vezes as mesmas famílias separadas apenas por um traço feito em Madrid, ou em Lisboa, vivendo com as mesmas dificuldades e problemas.

Mas, as fronteiras obrigam a que sejam diferentes. Mesmo que de um e outro lado sobrevivam dos mesmos meios para subsistirem. Mesmo que tenham que encontrar os mesmos caminhos para a sobrevivência. Estruturalmente, a fuga para o desconhecido, para a emigração, continuou a ser a grande solução para a maioria das gentes das nossas comunidades de interior.

A emigração, cada vez mais, aparecendo como a maior miséria cultural que a Europa do século XX criou para consumo das sociedades mediterrânicas. Espécie de ideologia de solidariedade...

Neste recanto de território partilhado por Barrancos e Encinasola, e no discorrer dos regimes fascistas de Franco e Salazar, a fronteira entre os dois países serviu, de modo diferente, a um mesmo regime. A dois estados totalitários vestidos de um orgulho cacique com uma mesma palavra de ordem: Deus, Pátria, Autoridade.

Esse período histórico de quase cinquenta anos, foi aqui, tal como noutras regiões fronteiriças, o encerrar das perspectivas lícitas de uma convivência digna e humana. De encontrar caminhos que lhe poderiam ser comuns.

Em pouco mais de 30 anos, a vila de Barrancos perdeu quase metade da sua população. Que terá passado com Encinasola? Procuramos e encontramos as nossas gentes em França, na Alemanha, na região metropolitana de Lisboa, sei lá. E vocês?

Hoje, tempos diferentes, as mudanças são urgentes e o futuro é legítimo. Acima de tudo, permitindo encontrar na nossa terra o destino que queríamos/queremos escolher.

2. O peso da interioridade das localidades de Barrancos e Encinasola é cada vez mais evidente. Envelhece a população. Morrem os costumes. Desaparecem as referências culturais e degrada-se a forma de viver das nossas gentes.

Nesta chamada aldeia global, a distância dos poderes políticos centralizados nas capitais e nas megacapitais, é cada vez maior para com as povoações do interior. Este egocentrismo do litoral citadino, faz fugir as gentes mais novas para os grandes centros, onde hipoteticamente podem encontrar as soluções de trabalho e de vida que a sua terra de origem não lhe pode dar. Profundo erro. Mas que podemos fazer para alterar este edílico sonho.

A brilhante civilização de Madrid, Porto, Lisboa ou Barcelona; os eternos caminhos de prosperidade e riqueza que todos os dias nos entram em

casa através dos *mass media*, são atractivo irrecusável para ir para as metrópoles. Que contrapartida temos nós para oferecer aqueles que poderiam resisitir e ficar? A experiência regionalista de Espanha não foi, aparentemente, uma solução vantajosa para as populações. Tão pouco o será em Portugal, parece-nos, mas o tempo poderá modificar-nos esta opinião. ·

Pouco a pouco vamos ficando com os mais velhos; alguns regressados de 20, 30, 40 anos fora da sua terra. Regressam à procura de uma terra diferente; mais rica. Mas, não fora o trabalho desenvolvido pelas autarquias, pelo menos em Portugal, e tudo estaria bem pior.

Ninguém parte por gosto. Estaremos errados? Infelizmente, pensamos que não.

3. Barrancos e Encinasola abraçam, pela sua especificidade geográfica, o mesmo destino. Palavra mágica para o sentido fatalista do português. Chamamos-lhe *fado*.

Terras de fronteira, onde só se vai propositadamente, estas duas áreas administrativas, são limites de país, de região e de província. No limite de tudo.

Com centúrias de história comum, conheceram o contrabando, a guerra civil espanhola, as campanhas do trigo, o caciquismo, a mão pesada da violência policial dos regimes fascistas de Franco e Salazar. Mas, quem se pode esquecer da forma como a corrente que nos separava caiu com a vontade das nossas gentes. E com festa.

Apesar de Portugal e Espanha continuarem vivendo de costas voltadas, cabe a estas comunidades de fronteira fazer valer um conceito que é vector nesta Comunidade Europeia, onde uns e outros nos integramos: cidadania.

Barrancos e Encinasola, nos limites da Sierra Morena, partilham um silêncio de séculos a que é necessário dar voz. Onde começa uma terra de nada, aos de Barrancos chamam-lhes espanhóis. E aos de Encinasola o termo de *marochos* não é depreciativo? Contudo, estas duas comunidades poderão ter um papel de interligação entre os dois países muito importante. Que poderá ser valorizado e capitalizado em favor das gentes

destes dois povos. Caminhos quase idênticos. Feitos de um andar comum em “senderos” diferentes.

*Caminante, son tus huellas
el camino, y nada más;
Caminante, no hay camino,
se hace camino al andar.
Al andar se hace camino,
y al volver la vista atrás
se ve la senda que nunca
se ha de volver a pisar.
Caminante, no hay camino,
sino estrellas en la mar.*

(António Machado)

4. O passado histórico de Barrancos e Encinasola, apesar de ainda muito mal conhecido, choca-se no estabelecimento das fronteiras entre Portugal e Castela. Os limites territoriais entre estas povoações não estão há muito tempo definidas. Não podemos esquecer que a assinatura da Concordata de Moura que procura estabelecer a linha divisória da Contenda, só se faz em 1542, depois de dois séculos com uma fronteira em constante ebulição. Mas, só nos finais do século XIX, foi encontrada a versão definitiva da divisão deste território, com a assinatura do tratado da Contenda.

Apesar do ainda silêncio dos documentos, esta luta intestina para usufruto de alguns hectares mais ricos em pastagens ou terras para cereais, são essencialmente uma questão de cavaleiros e apaniguados das casas reais ou senhoriais. De uma outra forma, são conflitos que opõem grandes criadores de gado e latifundiários de um e outro lado. Não deixa de ser interessante, a título de exemplo, referir o episódio que teve lugar em 1594, pertencendo Portugal à coroa filipina. Cento e cinquenta e seis moradores de Barrancos são condenados por se oporem à demarcação de terrenos efectuada por homens do Conde de Linhares. Concerteza, colocando marcos em terras que não lhe pertenciam e que, simplesmente, estava furtando aos pequenos proprietários que gozavam do lado de

Portugal um estatuto de autonomia interessante, conforme se pode ver no foral doado por D. Dinis aos moradores de Noudar.

Nas origens geo-históricas de Barrancos e Encinasola, está a serra Morena, ainda pouco povoada e com uma paisagem propícia à criação de gado. Apesar de considerada como uma terra marginal e de escasso povoamento, ela aparece como o grande chamariz de famílias vindas das mais distintas origens. À sombra da fortaleza militar de origem islâmica, Noudar, cuja ocupação do sítio remonta a 2600 anos antes de Cristo, Barrancos é, em 1493, uma pequena aldeia e de fundação recente dessa vila amuralhada. Povoadores terá-os vindos de Portugal. Sim. Mas poucos. Num inquérito feito a 28 testemunhas, documento que tinha a ver com o usufruto de terras de pastos e de cultivo, e numa população de aproximadamente 100 vizinhos, 22 testemunhas são de origem castelhana, como refere o professor Manuel Gonzalez Jimenez, da Universidade de Sevilla. De Cumbres Mayores há 4 testemunhas; de Encinasola, outros 4; 7 são de Cumbres de San Bartolomé e outros 7 de Cumbres de Enmedio.

Não deixa de ser interessante referir que nas visitas da Ordem de Avis, de 1532, Barrancos tem 73 moradores, dos quais são nove viúvas, dois clérigos e os mais deles são castelhanos, como tão bem especifica o documento. Esses 62 povoadores castelhanos são de Valença ou Valencita, Oliva, Jerez, Contienda, Aroche e, naturalmente, de Encinasola.

Constatada esta importante migração castelhana em Barrancos, o mesmo não se verifica em Noudar, a sede de concelho. A velha atalaia islâmica, e que Portugal defenderá como se se tratasse de um sítio geo-estratégico fundamental para a sua independência, desde D. Afonso III, tem na guarnição militar portuguesa a grande maioria dos seus habitantes, não contabilizando os homiziados que cumpriam aqui as suas penas de desterro. Não esquecer que Noudar é o primeiro Couto de Homiziados criado em Portugal, mais exactamente em 1308.

Esta estrutura militar, terá um papel fundamental para a defesa das fronteiras e um valor residual na compreensão da estratégia militar das duas coroas do ocidente ibérico, pelo menos nos séculos XV a XVII.

A variada mudança de bandeira que ao longo de cerca de dois séculos foi palco a torre de menagem de Noudar, demonstra a particular importância que a velha atalaia ainda tem. Não só no contexto geomilitar peninsular, mas também no combate e apoio ao controle dos salteadores que se ocultavam no quase inóspito e desconhecido território do ocidente da Sierra Morena.

Quando Alfonso de Jerez, alcaide de Encinasola, toma o castelo de Noudar à coroa portuguesa, em 1475/76, estamos a assistir a uma valorização irreal de Noudar. Os reis católicos, mais não pretendiam que levantar vários conflitos ao longo da fronteira, de forma a obrigar os portugueses a intervir em várias frentes ao mesmo tempo.

Estes episódicos acontecimentos não são ilustrativos de todo o processo histórico comum as gentes de Barrancos e Encinasola. Não são se não e apenas, algumas breves imagens. Mas, se se investigar a fundo a raiz das nossas gentes, constatamos que este processo vem até aos nossos dias. E com que contratos entre famílias de que o casamento é acto sagrado.

Não é concerteza o estudo antroponómico uma das melhores fórmulas de avaliar a evolução e origem populacional da região; do conhecer a estrutura familiar de Barrancos, Noudar e Encinasola. Mas poderá ser um factor interessante. A título de exemplo, reparamos que o cura de Noudar e Barrancos, entre aproximadamente 1789 e 6 de Março de 1807, se chamava Domingos Lopes Sociro. Um nome tradicionalmente português. Contudo, o seu registo, diz-nos que nasceu em Encinasola.

5. A História é, para nós, mais que um conceito. Talvez, e de outra forma, mais que um conteúdo. Fórmula natural de olhar os tempos, a duração e os acontecimentos, mas, mais do que isso, é consciencialização, epistemologia e análise de processos de criação.

Talvez neste contexto nos integremos e propunhamos olhar para a História, enquanto ciência, como motor de um projecto de desenvolvimento local e regional. Uma forma de aprender falando das coisas. Constatando e propondo novas vias.

Pretenciosismo e deformação profissional. Talvez. Mas a História saberá determinar até onde chegou e chega o nosso projecto de procurar respostas em caminhos já andados.

E, se a História é o caminho que nos poderá indicar a solução, deixo aqui alguns aspectos da sociedade cultural e antropológica de Barrancos, muito mais ligada ao lado de cá, que ao país a que pertence.

5.1. O *entrudo*

Antecedendo a Quaresma, o Entrudo é uma das festas de comunidade que perdeu mais interesse no período pós-revolução de Abril de 1974.

Manifestação particularmente concorrida pelas gentes do sexo masculino, eram muito comuns os desfiles de máscaras e as tradicionais “*Estudiantinas*”. Caída em desuso, a Associação de Jovens de Barrancos - Enguripitados, procura hoje reanimar esta tradição, através de um trabalho profundamente desenvolvido com os jovens do ensino secundário e as pessoas mais velhas da aldeia.

As *estudiantinas* tratam-se, fundamentalmente, de um cortejo onde o elemento masculino, nos dias de hoje, já não é preponderante, cortejo esse que percorre as ruas da localidade cantando versos de sátira social relacionados com os acontecimentos mais escandalosos do ano anterior. Ao som dos versos este grupo vai dançando, seguido de perto pela multidão que vai rindo, protestando e batendo palmas, conforme o assunto versado.

A Quarta-Feira de Cinzas é assinalado com o “enterro”, espécie de encenação de um funeral caricaturado e satírico, em que são representadas várias das cenas ditas em verso durante as **estudiantinas**.

5.2. Fiesta de flores

Trata-se de uma das manifestações religiosos mais assimiladas da vizinha *Andaluzia*. Tendo lugar na segunda Segunda-Feira depois do Domingo de Páscoa, tem como padroeira Nossa Senhora de Flores, a festa resume-se a uma ida ao campo, junto à ribeira de Múrtega, entre o Cadaval e a Pípa.

Aí se juntam, durante todo o dia, famílias inteiras, bebendo e comendo, andando de sítio em sítio por convite dos vizinhos.

5.3. Fiesta de Santa Maria

Levando o guião da padroeira da localidade, Nossa Senhora da Conceição, a Comissão de Festas do ano respectivo, sempre elementos do sexo masculino, percorrem a vila angariando fundos para realizar as festas anuais de Barrancos, que têm lugar nos últimos quatro dias de Agosto.

Tradicionalmente, à frente do cortejo vai o “bibo”, espécie de *arauto* medieval, tocando bombo e flauta.

Normalmente, este dia termina com o leilão de peças e materiais oferecidos à Comissão de Festas e com a venda dos bilhetes para a *tourada*.

5.d.4. Festa anual de Agosto

De 28 a 31 de Agosto, as festas de Barrancos, trazem à vila quatro ou cinco vezes mais a sua população. “O apego do barranquenho à sua terra faz deste dia um ritual de regresso obrigatório”.

É a grande festa da vila. Uma espécie de catarsia, de purificação, marcada pelo absurdo e o excesso. Aqui regressa-se a uma certa origem com a vizinha Espanha. A corrida “con toros de muerte”; o recolher já manhã alta depois do encerro; os episódios religiosos. Os toureiros são aqui sempre espanhóis; os músicos mais importantes vêm do lado de lá da fronteira.

Esta é, sem sombra de dúvidas, a maior reserva patrimonial desta gente portuguesa no seu reencontro com as origens castelhanas. “Orgulho e perseverança, dita coragem, dos barranquinhos”.

5.5. *Os quintos*

Festa que marca a partida daqueles que vão à Inspeção Militar, esta é uma data móvel que tem lugar entre Outubro e Novembro de cada ano.

Os jovens, um mês antes da saída da vila, reúnem-se e percorrem as ruas de Barrancos cantando versos, normalmente dedicadas às namoradas ou às mulheres que querem. Contudo, esses versos estão recheados de um cunho erótico-satírico que, raramente agrada às famílias das raparigas.

Mais uma vez o “espanholismo” aparece nesta “fiesta de quintos”, já que todas as canções têm que ser em castelhano.

Termina a esta cerimónia no dia anterior à partida dos quintos, com a oferta pelos familiares de uma festa nas suas casas. No regresso dos mancebos da Inspeção militar, realiza-se um baile.

*En 17 de octubre
ya nos van a inspeccionar
ay para saber la suerte
que dios nos tiene guardá*

*Casquiño pa los caballos
y el roquete pa el pelo*

*ay, el Miguel como é el mas grande
se va para cocinero*

*Quítate de esa ventana
cara de sardina frita
que cada vez que te veo
me se revuelven las tripas*

(Quadras ditas no baile de Quintos de 1988)

5.6. O 8 de dezembro

O dia da Nossa Senhora da Conceição é, para além da festa religiosa com procissão e missa cantada, a tomada de posse da Comissão de Festas Feminina para o ano seguinte.

Depois de terminada a procissão, que tem lugar ao fim da tarde, começam misteriosamente a ser colocados os primeiros lenhos no centro da praça de Barrancos, que arderá na noite do Menino.

*Eh, eh, eh,
ramita de laurel,
por causa de la leña
me llevan al cuartel*

(Quadra dita por altura do Natal, quando se está fazendo o monte de lenha na Praça).

5.7. O natal

A noite de Natal passa-se na Praça. *Encendida* a fogueira, fazem-se as migas com carne assada, canta-se e confraterniza-se à volta do lume. As canções são de origem castelhana e toca-se a “zambomba”, instrumento acústico feito com uma lata coberta por uma pele furada onde uma cana esfregada com a mão molhada provoca um som raro.

*Zambombita, zambombita
yo te tengo que romper,
que a la puerta de mia novia
no quisiste tocar bien*

5.8. O dialecto

São conhecidos por serem portugueses de manhã, espanhóis à tarde e não conhecerem ninguém à noite. Caracterização pouco simpática para uma terra cujas populações são particularmente evidenciados por falarem um dos três únicos dialectos do território português.

O dialecto barranquenho é, sem sombra de dúvidas, um dos mais importantes vectores da cultura de Barrancos e, ao mesmo tempo, um elemento embaixador destas paragens.

Tido, historicamente, como uma continuidade das condições geo-históricas da vila enquanto terra de fronteira, afastada muito mais do resto do território português do que das vizinhas localidades espanholas de Encinasola, Valência del Mombuey, Oliva de la Frontera e Aroche, o dialecto barranquenho pode igualmente rebuscar-se na fundação da localidade por gentes vindas da Sierra de Huelva que habitaram maioritariamente Barrancos até finais do século passado.

Leite de Vasconcelos, o primeiro filólogo português a analisar este dialecto, infelizmente já no final da sua vida, reafirma-o, não deixando de evidenciar o *carácter tradicional de independência moral* dos barranquenhos.

6. Barrancos e Encinasola necessitam de arranjar motivações e estruturas para dar continuidade a uma história tão rica e comum. Talvez por isso, o encontrar respostas que sejam complementares, no âmbito comunitário que nos engloba e no quadro legal que nos permite desenvolver projectos conjuntos, é urgente.

Acabar de vez com as fronteiras, mesmo as mentais, é a única forma de dar voz a estas comunidades fronteiriças.

O ir a Espanha comprar caramelos e ir comer bacalhau a Portugal é, ainda hoje, um acto exótico. Mas, mais do que esperar que nos procurem, é urgente encontrar os caminhos que obriguem a procurar-nos.

Criar espaços comuns de desenvolvimento é uma das fórmulas que nos parece necessário desenvolver. Concertadamente. Valorizar e proteger os nossos espaços naturais; a envôlvência patrimonial de que a nossa terra é rica. Estudar e divulgar.

Não perder de vista as tradições da matança, do saber fazer o presunto ou os enchidos. Desenvolver projectos de recuperação do nosso artesanato e procurar dignificar no exterior a importância e o colorido das romarias e das festas anuais. Organizar festivais de âmbito ibérico em áreas tão distintas como a música, o teatro ou as actividades agro-pecuárias.

Na Europa de tanta resposta, a fronteira política que ainda nos separa tenuemente, poderá servir como elemento de coacção para com o poder central. Agora, que a estrada que nos liga está quase pronta, aproveitemos o pretexto para iniciar o caminho fundamental que nos pode ligar ao futuro.

7. O castelo de Noudar e o vale do Múrtega são elementos fundamentais nesta aproximação e nesta perspectiva de desenvolvimento .

Para a Comunidade Europeia a intervenção nos espaços inter-fronteiriços é prioritária. A promoção do desenvolvimento económico e social é uma preocupação que os estados membros devem ter constantemente. Fixar populações; melhorar as suas condições económicas de vida. Fundamentalmente, reconhecermos nas nossas comunidades o nosso ninho. Metaforicamente falando.

Desta forma, talvez não nos percamos num velho dilema que eternamente nos acompanha: Para que serve estudar e conhecer o património de uma terra, se, no final do estudo, ela já perdeu o seu património mais importante: as pessoas.

Ficará para outra oportunidade falar da evolução histórico-arqueológica da região de Barrancos/Encinasola. Quando, de um lado e outro da fronteira estivermos a trabalhar num projecto conjunto que seja o caminho para o futuro.

8. BIBLIOGRAFIA

- COELHO, Adelmo Matos, *O Castelo de Noudar - Fortaleza Militar*, Lisboa, Câmara Municipal de Barrancos, 1986
GARCIA FERNANDEZ, Manuel, *El reino de Sevilla en tiempos de Alfonso XI*, Sevilla, Diputación Provincial de Sevilla, 1989
GONZALEZ JIMENEZ, Manuel, "Conflictos Fronterizos en la Sierra de Aroche - El pleito de Barrancos" in *Huelva en su Historia*, I, Sevilla, 1986
MACHADO, Antonio, *Poesías Completas*, Ed. Manuel Alvar, Madrid, Espasa Calpe, 1990
PEREZ-EMBID, Florentino, *La frontera entre los reinos de Sevilla y Portugal*, Sevilla, Ayuntamiento de Sevilla, 1975
REGO, Miguel *et alii*, *Encuentros con Barrancos*, Barrancos, Câmara Municipal de Barrancos, 1993
VASCONCELOS, J. Leite de, *Etologia Barranquenha - Apontamentos para o seu estudo*, (ed. fac-similada), Lisboa, IN-CM, 1981